

Editorial

RETRATO DA
EDUCAÇÃO

Estudo divulgado ontem pelo MEC, que mediu o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) no país de 2009, em relação a 2005, verificou que o aluno que termina o ensino fundamental em escola particular sabe mais que o que termina o ensino médio numa escola pública.

Isso quer dizer que ele está pelo menos três anos à frente do outro. As notas são indiscutíveis. Em matemática, a relação foi de 294 para 266 pontos. Em português, de 279 para 262 pontos. O Ideb é o principal indicador do MEC sobre a qualidade da educação brasileira.

Nem sempre foi assim. Houve um tempo em que as escolas públicas levavam uma considerável dianteira ou se equiparavam com as melhores particulares. A universalização da educação básica, atribuída pelo Estado às escolas públicas, nivelou por baixo a qualidade do ensino.

Hoje, todo mundo tem direito de estar na escola – embora nem todos estejam. O direito é um preceito constitucional. No entanto, grande parte da população escolar ou não consegue romper as barreiras da educação ou só o faz após ingentes esforços.

O sistema como um todo está estrangulado pela desigualdade social. As escolas particulares têm um alunado de maior nível social e econômico. Como são as famílias que custeiam a educação de seus filhos, podem exercer mais influência sobre a sua qualidade.

Isso é tanto verdadeiro quando se comparam os custos das duas redes. Por incrível que pareça, a escola pública é muito mais cara. O custo médio de um aluno seu é de R\$ 1.415, enquanto o aluno da escola privada paga, em média, uma mensalidade R\$ 800.

Felizmente, observam-se mudanças a favor. A distância entre as duas redes está se reduzindo. De cem escolas municipais melhor colocadas, 80 estão em cidades do interior de São Paulo e Minas Gerais, onde os governos investem mais na educação básica.

Mas não é só isso. Devido a seu porte, essas cidades têm melhor qualidade de vida e menos problemas sociais.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Medioli
PRESIDENTE Laura Medioli
VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito
DIRETOR EXECUTIVO Teodomiro Braga
DIRETOR FINANCEIRO Marcos de Oliveira e Souza

GERENTE COMERCIAL
Leandro Figueiredo

**GERENTE DE
TECNOLOGIA**
Fábio A. Santos

GERENTE INDUSTRIAL
Guilherme Reis

**GERENTE ADMINISTRATIVO
E FINANCEIRO**
Walmir Prado

GERENTE DE MARKETING
Alessandra Soares

GERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel Santos

EDITORA EXECUTIVA
Lúcia Castro

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da Costa

ADJUNTA DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Aline Reskalla

EDITORES
Primeira Página: Robert Wagner
Opinião: Victor de Almeida
Economia: Karlton Aredes
Política: Carla Kreefft
Magazine: Silvana Mascagna
Fotografia: Leonardo Lara
Brasil/Mundo: Carla Chein
Esportes: Denner Taylor
Cidades: Carla Alves

O.PINIÃO

PERGUNTAS AINDA SEM RESPOSTAS

Duke

O QUE TERÁ
ACONTECIDO
COM A EX-
NAMORADA
DO GOLEIRO
BRUNO?



QUAL PAÍS
SERÁ CAMPEÃO
DA COPA?



QUEM SERÁ
O NOVO
TÉCNICO DA
SELEÇÃO?



QUEM É
QUE VAI
PAGAR
MINHAS
CONTAS?



DUKE

www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Sob a mira do “navegador” e da
tortura moral de ser cliente Oi

Uma empresa sem dono, sem prepostos, sem responsáveis

Desde 11 de junho estou sem acesso à internet e TV a cabo. No dia 13 fiquei sem TV, internet e telefone, que no ano passado emudeceu dias e dias por não-manutenção dos fios na rua, disse o técnico! Sou cliente de uma empresa sem dono, sem prepostos, sem responsáveis e que não se acanha da práxis de causar danos materiais e morais; e a maioria dos funcionários não fornece nomes completos (“é norma da empresa”). Quem não se identifica devidamente não está apto a lidar com o público e se vale da impessoalidade para nos desrespeitar.

Desde 12 de junho registrei mais de 50 protocolos da mesma queixa. Enviaram zilhões de “pulsos” e cinco “equipes técnicas” à minha casa. A primeira, cinco dias após a queixa! Trocou umas pecinhas do modem e desde então a internet volta, religiosamente, de meio-dia às 15h ou 16h e, quando some, as TVs enlouquecem como que por encanto! Nenhuma “pega” os canais e a imagem a que tenho direito. A “equipe técnica” boiou. Ao comunicar, ouvi que a “norma da empresa” era agendar a segunda visita para o dia disponível: 25 de junho! “O defeito é na rua”. Resolveriam naquela noite! Papo pra vaca dormir.

“Você não entendeu! O problema do dia 11 não foi solucionado! Entrei na espera da agenda da Oi de 11 a 16, daí a 25! Os técnicos boiaram! Como entrar na fila outra vez?” Suspiros de desdém... “Senhora, é o procedimento. Tem de entrar na disponibilidade da agenda. Não há outro! Ou continuará sem internet! Escolha! Se não tiver quem receba a equipe, pagará R\$ 30! Acompanhe. Exija ver a peça nova e a

velha!” É desafio demais. Além de lesada pela Oi, devo fiscalizar sua equipe técnica!

O pior é a Oi autorizar entrar em minha casa gente em quem ela não confia. É um absurdo naturalizado e banalizado por quem deseja instalar um programa espião para vigiar sua clientela (“Navegador”, da Phorm), surrupiar e vender os dados obtidos – invasão de privacidade que não podemos permitir! “Cadê seu supervisor?”. A resposta padrão: “Não adianta falar com o supervisor; quem passa os problemas sou eu. Ele

A quem se queixar, além do bispo? Há alguma autoridade que tenha coragem de dar um basta à atitude contumaz da Oi de tripudiar dos clientes?

não atende cliente!”. Durante o dia, em geral, está em reunião e à noite em “outra operação”. Só falei com um supervisor três vezes e... nada!

Por mais de 20 vezes tentei cancelar o contrato, em vão! Enfim, no dia 29 consegui falar no “cancelamento do contrato”. O atendente, “todo ouvidos”, se disse incrédulo: “Desconheço cliente Oi que ficou tanto tempo sem internet”. Seeeeee! Fiz de conta que acreditei porque insisto em crer no ser humano e em outras operadoras o descaso é similar. Pedeu um tempo para consultar a supervisora. Fui convencida de que no dia seguinte tudo seria resolvido, “em-

bora a senhora esteja agendada para o dia 1º”. (Ó favorzão!).

Após 19 dias, formularam uma hipótese, a mesma chutada, por telefone, por um atendente na primeira semana: “Deve ser o cabo. É preciso trocá-lo”. Os demais diziam ser “intermitência” (com hora marcada?). “Vamos trocar o cabo”. Quando? “Espere dois a três dias!” Em 1º de julho, nova visita que, conforme o técnico, foi engano. Ele faria o diagnóstico que, pela nota de serviço, fora realizado no dia anterior. “Aguarde a troca do cabo”.

Trocaram o cabo no dia 3 e continuo desplugada! É incompetência técnica demais. A quem queixar, além do bispo? Há alguma autoridade que tenha coragem de dar um basta à atitude contumaz da Oi de tripudiar dos clientes? Os fatos atestam que uma empresa da dimensão da Oi possui igual incapacidade de resolutividade técnica.

DUKE

